

58. É sufocante a sensação de não saber quando isto irá acabar

Ana Manoela Primo dos Santos

Me chamo Ana Manoela Primo dos Santos e sou indígena Karipuna, filha de Suzana Primo dos Santos, da aldeia Santa Izabel na Terra Indígena Uaçá. Atualmente eu e minha mãe não estamos em Oiapoque, mas na cidade de Belém, no estado do Pará, onde curso o Mestrado em Sociologia e Antropologia na UFPA (Universidade Federal do Amapá) e onde ela trabalha com a conservação da memória material e imaterial dos povos indígenas, nossos parentes, no Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG).

A primeira vez que tive notícias da COVID-19 foi em janeiro de 2020, quando estava no Oiapoque, acompanhada de minha mãe, para visitar os parentes e estudar. Naquela época as informações sobre a doença chegaram até nós primeiro através dos telejornais. Todo dia se falava da COVID-19 na TV. Durante esse período a impressão que tinha era que a doença estava muito distante das aldeias e igualmente distante da cidade de Belém, que ela nunca chegaria a nós. Os dias, por um tempo, seguiram seu fluxo normal. Mas em março, com a confirmação da doença no Brasil e nos estados da Amazônia em que transitamos (Pará e Amapá), os territórios pelos quais costumava estar se limitaram e de repente não podíamos nem sair de casa.

Antes da COVID-19 eu tinha tantos medos, mas eles se tornaram pequenos até desaparecerem. Meu único medo passou a ser a COVID-19 e suas consequências, pensava o tempo todo que ela poderia levar meus pais, meus parentes da aldeia e os que estão na cidade, além de outras pessoas queridas. E ela começou a levar. Desde março até julho perdemos muitas pessoas.

Em casa tivemos a doença em abril, primeiro meu pai, depois eu e por último minha mãe. Meu pai foi quem ficou pior, pensei que ele fosse morrer. Já nos recuperamos, mas até hoje sei que ele sente as consequências da doença, assim como eu e ela também sentimos.

Ver os dados da COIAB (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira) e da APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) sobre os parentes que contraem o coronavírus e vêm a óbito é algo que me entristece e me angustia. É sufocante a

sensação de não saber quando isto irá acabar; de que de repente um parente pode ficar em estado grave e falecer distante de seu povo e de sua cultura; de não saber quando poderemos retornar à Aldeia Santa Izabel sem o receio de levarmos a doença para lá.

Minha mãe já está idosa, minha aldeia na cidade é ela. Mas nós temos nossos parentes no estado do Amapá. Quero muito que ela possa estar com os parentes em Oiapoque, na aldeia que seus pais fundaram, em que nasceu e cresceu. Sei que ela sente muita falta de lá. Todas as noites e de manhã cedo ela olha as estrelas, procura *Warukamã* e pensa em Oiapoque. Esse vírus além de levar nossos antigos com suas memórias e conhecimentos, que muito ainda tinham a ensinar às crianças e jovens, também está nos separando. Adoecemos não só pela COVID-19, mas também adoecemos pela saudade das pessoas, dos lugares, pelos medos e pelas incertezas. Ser indígena mulher na cidade é difícil e solitário, nesse momento ainda mais, mas eu e minha mãe sempre procuramos conversar sobre como era a aldeia antigamente, damos força uma a outra e pedimos forças aos nossos ancestrais e aos *karuãnas* para que este momento passe e que mais nenhum parente sofra com a doença.

Belém, Pará, Brasil

16 de julho de 2020